

Introdução

A pergunta básica que motiva esta dissertação de mestrado foi sendo gestada ainda quando eu estava no início do curso de graduação em Teologia. Ela surge de um sentimento que eu poderia descrever como encantamento, e ao mesmo tempo, espanto. O encantamento surgiu nas aulas de Antropologia Teológica, diante da tomada de consciência da grandeza da dignidade humana no projeto divino. Com o salmista, senti-me e sinto-me constantemente inspirado a cantar: “que é o homem, para dele te lembrares, e um filho de Adão, para vires visitá-lo” (Sl 8,5). (Re)descobrir a grandeza do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus para ser pessoa, chamado na liberdade ao convite para colaborar na criação, foi sem dúvida um dos aprendizados mais gratificantes dos primeiros momentos de meus estudos teológicos.

Porém, esse encantamento veio acompanhado imediatamente pelo espanto que nasce da contemplação da realidade. Onde está esse ser humano íntegro e salvo que nos revela as sagradas escrituras e, de modo especial, a vida e o ministério de Jesus Cristo, a quem confessamos como nosso Senhor e Salvador? Por toda a parte, por onde olhamos, podemos ver fatos que diminuem, ou mesmo negam a dignidade humana, e trazem dor, perplexidade, desespero. Não obstante os progressos trazidos pela ciência e pela técnica nos últimos séculos, a humanidade ainda se debate com inúmeras ocorrências que demonstram a precariedade da vida e mesmo a indignidade do comportamento de muitos indivíduos, bem como a inadequação de muitas estruturais sociais. Desigualdades socioeconômicas, violência, falta de oportunidades, corrupção, comportamentos irresponsáveis somam-se às catástrofes naturais, às doenças, às nossas dores do cotidiano, aos fracassos, às brigas, aos problemas de relacionamento, etc. Poderíamos aqui continuar enumerando um infindável rosário de dores e sofrimentos nos quais se encontra mergulhada a humanidade, fazendo com que, a cada segundo, em alguma parte deste nosso planeta, sempre haja alguém a derramar uma lágrima e a se perguntar se a vida vale a pena e qual o sentido de tudo o que existe.

Desafiados por essa realidade, e no firme propósito de continuar confessando Jesus Cristo como aquele que tem a resposta plena e definitiva para o enigma da condição humana, fomos atrás de respostas que pudessem manter viva a esperança e firme a convicção de que vale a pena lutar por uma

vida e um mundo melhores. Nessa busca, além de nos depararmos, obviamente, com as respostas da longa tradição eclesial, confrontamo-nos com a reflexão da teologia contemporânea que leva muito a sério essa questão e procura encontrar respostas que sejam, ao mesmo tempo, fieis à tradição da Igreja e compreensíveis aos homens e mulheres do nosso tempo.

Por meio do meu professor de Antropologia Teológica II e orientador do trabalho final do curso de graduação em Teologia¹, Carlos Henrique Menditti, fui apresentado ao teólogo galego Andrés Torres Queiruga, cuja obra ele estudou na sua dissertação de mestrado, realizada neste mesmo programa de pós-graduação da PUC-Rio. Tenho, obviamente, consciência de que entre a reflexão teológica e o mistério da fé existe uma grande distinção. Um outro professor da graduação, Celso Pinto Carias, sempre dizia que a teologia deve ser feita de joelhos. Portanto, sei que a reflexão de Queiruga é somente uma possibilidade entre muitas para enfrentar o problema que estamos estudando. De qualquer forma, não posso negar que me chamou a atenção, desde o início, a envergadura de sua obra, a sua preocupação com o “rigor do conceito”, com as idéias claras, com uma reflexão simples, direta e corajosa, que seja capaz, ao mesmo tempo, de satisfazer a nossa sede de coerência intelectual e a nossa fome de sentido existencial.

O projeto teológico de Torres Queiruga depara-se com o inevitável advento da modernidade e com a necessidade de tradução para esse novo momento cultural do conjunto da teologia, que foi toda ela elaborada em categorias pré-modernas. Queiruga defende que já não dá mais para fazer remendos. É preciso repensar todo o edifício teológico dentro dos novos paradigmas. Por isso, vários dos seus livros têm como título os verbos “Repensar” e “Recuperar”. Fugir dessa tarefa seria tornar o discurso da fé cada vez mais ininteligível para os contemporâneos e incapaz de continuar sendo “fermento na massa”.

Porém, a tradução que Queiruga preconiza não é a tradução de qualquer teologia. Isso poderia ser uma porta aberta para aceitar não apenas os questionamentos plausíveis da modernidade, mas também, para assimilar acriticamente todas as suas premissas. Sua teologia é a tradução da “melhor teologia”, daquela que brota da experiência vital de Jesus de Nazaré, que, na sua vida, missão e mistério pascal, nos revelou o rosto de um Deus que é puro amor, que entra na nossa vida apenas para salvar e nos apoiar na nossa tarefa

¹ Realizado no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI, em Nova Iguaçu (RJ), entre os anos de 2002 e 2005, como parte da formação para a ordenação presbiteral na Igreja Católica.

de ser gente, fortalecendo-nos com o calor da sua intimidade e a força da sua presença. Com isso, superam-se desconfianças acumuladas nos embates entre fé e razão ao longo do desenvolvimento da modernidade. Tais desconfianças levaram parcelas consideráveis da intelectualidade ocidental para o ateísmo, pelo fato do rosto divino ser apresentado muito mais como um rival do progresso humano do que como o Salvador dos evangelhos.

É nesse quadro que surge, na teologia de Queiruga, a questão do mal. Este é um tema recorrente em seus escritos, pois ele reconhece que, frente a essa imagem divina que a fé cristã nos apresenta, o problema da persistência do mal no mundo é a sua maior objeção. E ele o trata da mesma maneira como o faz em toda a sua teologia: com rigor conceitual e honestidade intelectual.

Pretendemos nesse estudo apresentar o modo como Queiruga trata a questão do mal, bem como a sua compreensão quanto à maneira de atuação da salvação divina frente a este mal. Para isso, dividiremos a presente dissertação em três capítulos. No primeiro deles, seguindo sugestão do orientador desta dissertação, o prof. Dr. Mario de França Miranda, a quem nunca será demais agradecer o valioso apoio e colaboração, iremos apresentar um breve panorama histórico das questões relacionadas aos temas da salvação e do mal. O objetivo é apresentar o quadro hermenêutico dentro do qual se encontra a reflexão do nosso autor, de modo que a mesma possa ser interpretada a partir das questões que possibilitaram a sua origem.

O capítulo 2, que considero o núcleo da dissertação, traz uma descrição pormenorizada do conceito de salvação queiruguiano, bem como o desafio que o mal representa para este conceito. Veremos como Torres Queiruga considera o mal inevitável neste nosso mundo contingente e finito, mas que apesar disso, vale a pena lutar contra ele, pois a sua superação está garantida pela páscoa de Jesus Cristo.

Por fim, no capítulo 3, abriremos o diálogo com nosso teólogo. Iniciaremos com a apresentação de alguns trabalhos teológicos onde a reflexão de Queiruga é questionada, dentro e fora do Brasil. Daremos especial atenção aos questionamentos de um outro espanhol, Juan Antônio Estrada, por ter se dedicado amplamente a estudar os fundamentos da teologia de Queiruga e a lhe apresentar questionamentos contundentes em relação às suas explicações sobre o mal. Mas tocaremos também em outras abordagens, inclusive em algumas realizadas no universo acadêmico brasileiro.

Ainda neste capítulo, vamos comparar a teologia de Queiruga com a tradição eclesial e com a reflexão teológica recente, sobretudo no que tange ao

tema tão delicado do pecado original. E por fim, pretendemos apresentar uma contribuição do autor para a práxis cristã antimal, que, em última análise, é o que realmente importa para uma existência cristã positiva, esperançosa e frutuosa.

No que tange a este último aspecto, tenho presente a intuição de que a maior parte das pessoas busca na religião, em primeiro lugar, uma resposta para as suas dores e sofrimentos, sejam eles pequenos, do cotidiano, sejam eles despertados pelos grandes questionamentos existenciais, tendo a morte como sua fonte principal. É diante da contingência e da finitude que as pessoas, de um modo geral, descobrem que esse mundo não possui um fundamento em si mesmo, buscando-o, portanto, no absoluto de Deus. O próprio Torres Queiruga afirma, em “Esperança apesar do Mal”, que não é difícil perceber que a idéia de um Ser Supremo como fonte e origem da criação brota quase que espontaneamente desse caráter contingente do nosso mundo. E essa resposta buscada pelos homens e mulheres de todos os tempos não é só uma resposta teórica. As pessoas buscam, em suma, salvação, ou seja, a experiência de libertação dos males e a possibilidade de viver os limites dessa vida finita cheios de esperança e de sentido.

Portanto, ousando parafrasear o próprio Queiruga, considero que essa reflexão não é apenas uma reflexão teórica, abstrata, mas sim um instigante exercício impregnado de uma “apaixonante concretude”, que vem ao encontro do centro da razão de ser da esperança cristã, que está aí com a sua oferta de salvação a dar alento a tantos homens e mulheres ao longo da história. Acredito mesmo que a resposta que uma determinada religião e uma determinada teologia sejam capazes de dar para a questão do mal irá determinar e muito o modo de agir dos seus adeptos, o tipo de esperança e de práxis ao qual são chamados. Espero que nessa árdua tarefa, que enfim é tão grande quanto a humanidade, o presente estudo não se converta em esforço inútil, mas possa ser mais uma modesta contribuição, perfilando-se ao lado não só daqueles que já se dedicaram a estudar o assunto, mas sobretudo, daqueles e daquelas que foram capazes de dar a vida para que haja no mundo menos presença do mal e mais experiências salvíficas concretas.